Terca-Feira, 24 de Novembro de 2026

Nem tudo é crise

Na semana que passou, o mundo deu voltas e reviravoltas. Problemas com os vôos nos EUA, problemas com a bolha das empresas de inteligência artificial. Problemas com gigantes como Microsoft, Google e órgãos do governo americano, incluindo kacker invadindo a secretíssima rede da inteligência da CIA, sem falar nos hackers entrando nos cartões de crédito e nos bancos norteamericanos. E, por fim, o estouro das bolhas de gigantes da tecnologia como Nvidia e Antropic, arrastando outras gigantes da inteligência artificial.

No Brasil o dólar chegou aos R$ 5,93 e promete subir mais. O Banco do Brasil deu prejuízo e se descobriu escândalos de corrupção com financiamentos fantasmas pra gente do governo sem CPF e nem fazendas, mas que levaram do banco R$ 400 bilhões em 123 falsas propriedades.

De outro lado, os hackers fizeram festa no Porto de Santos, na Caixa Econômica, na Petrobras, bancos e o site do Gov.br, entre outros.

O ajuste fiscal aprovado no Congresso nem arranhou o tamanho do problema financeiro do governo. Os economistas dizem que o governo precisa de um ajuste de economia de R$ 400 bilhões, e não dos poucos R$ 82 bilhões apresentados.

Chega de coisas ruins. Um fato novo marcante da semana que passou, foi o encontro dos presidentes dos EUA, da China e da Rússia, na China. Pouco vazou da conversa. Mas nada que não seja grande demais reuniria esses três presidentes.

Os reflexos serão mundiais. Não podemos esquecer que o último encontro desse porte foi em 1945, no fim da segunda guerra mundial. Reuniram-se na Crimeía, atual Ucrânia, na Conferência dede Yalta para definir fronteiras e outros interesses dos EUA, Rússia e Inglaterra para o pós-guerra.

Desta vez os interesses são outros, mas entre eles falou-se em paz mundial. O que é um ótimo sinal na atual condição de crises que o mundo inteiro enfrenta, incluindo ameaças de guerras. Neste momento todas as crises estão cobrando de todos países posições novas. Há sinais de um tempo novo nascendo no mundo, como fruto do medo das crises, de geurras e das incertezas que o mundo passa.

No Brasil, em particular, já começam surgir movimentações de correção de rota nascidas fora do governo. O Congresso Nacional já percebeu que precisa retomar o protagonismo. O sistema financeiro entrou em alerta vermelho.

O agro está em alerta vermelho faz tempo. O comércio enfrenta falências e recuperações judiciais. A indústria automobilística está com cinco fábricas fechadas por excesso de veículos nos pátios sem vender por causa dos juros altos.

O mesmo mercado começou a pressionar o governo pela baixa dos juros e pela correção das contas públicas. Neste momento o presidente da República diz que não aceita o mercado financeiro ensiná-lo governar. Mas a economia toda fala a mesma língua. Quer juros baixos, inflação baixa e segurança jurídica.

Pode parecer pouco ainda, mas é o começo de um movimento que uma vez iniciado não volta mais atrás. É o lado bom da coisa ruim. Por isso a certeza de crise não dura pra sempre.

Onofre Ribeiro é jornalista em Mato Grosso